

**O TEMPO E O VENTO,
DE ÉRICO VERISSIMO, E
YAKA, DE PEPETELA:
A HISTÓRIA DA
ESCRITA DE DUAS
GRANDES HISTÓRIAS**

SANTOS, Donizeth Aparecido dos¹

¹ *Doutorando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa da Faculdade de Telêmaco Borba (Fateb). E-mail: donizeth.santos@hotmail.com.*

RESUMO: O artigo apresenta alguns aspectos comuns entre a obra do escritor brasileiro Erico Veríssimo e a do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido como Pepetela, que, apesar de viverem em épocas e contextos históricos e geográficos diferentes, apresentam uma grande afinidade literária entre algumas de suas obras. Dentre essas obras que possuem elementos convergentes destacamos *O tempo e o vento*, trilogia formada pelos romances *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962), de Erico, e *Yaka* (1984), de Pepetela. Ambos se assemelham por serem romances planejados por seus autores com um fim específico (em *O tempo e o vento*, a busca da identidade rio-grandense e a formação do estado do Rio Grande do Sul, e em *Yaka*, a formação da nação angolana e a construção da identidade nacional); por visarem à construção da identidade angolana e rio-grandense com base no contato de diferentes grupos sociais e raciais e por isso apostam na mestiçagem seja cultural ou biológica; por serem narrativas permeadas por guerras e revoltas sangrentas pela posse territorial; por apresentarem uma desconstrução de estereótipos criados pelo discurso oficial; e por ambos utilizarem recursos simbólicos e alegóricos de forma muito significativa, a começar pelos próprios títulos dos romances, passando por nomes de capítulos e de alguns outros elementos significativos em comum: terra, árvore, punhal e casarões coloniais. O texto aborda, principalmente, o processo de criação das duas obras, enfatizando as motivações que levaram Erico Veríssimo e Pepetela a escrevê-las.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas de Língua Portuguesa; Literatura Comparada; Romance.

ABSTRACT: The article presents some common aspects between the Brazilian writer's works Érico Veríssimo and the Angolan writer Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, known as Pepetela, who, despite, living in different time and historical and geographical contexts, present a close literary affinity among some of their works. Among the works that present converging elements we can highlight *The Time and the wind*, a trilogy made up with the novels *The continent* (1949), *The portrait* (1951) and *The archipelago* (1962) from Érico and *Yaka* (1984) from Pepetela. Both are similar by being novels planned by their authors with a specific purpose (in *The time and the wind*, the search for the Rio-grandense identity and the formation of the Rio Grande do Sul State and in *Yaka* the formation the Angolan nation and the construction of a national identity); by aiming at the construction of an Angolan and Rio-grandense identity based on the contact of different social and racial groups and, therefore, they bet on the cultural and biological mix of races; by being narratives surrounded by bloody wars and revolutions for the possession of the land; by presenting a deconstruction of the stereotypes created by the official discourse; and by, both of them, using symbolic and allegorical resources in very meaningful way, starting by the titles of their novels, passing through the title of the chapters and some other meaningful common elements: land, tree, dagger and colonial houses. The text approaches, mainly, the creational process of both works, point out the motivations that led both Érico Veríssimo and Pepetela to write them.

KEYWORDS: Portuguese Literatures; Compared Literature; Novel.

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA PARA CONTAR HISTÓRIAS

Erico Verissimo dizia que era apenas “um contador de histórias” toda vez que alguém lhe exigia uma autodefinição. Essa postura modestamente exagerada foi adotada de forma pejorativa pela crítica literária brasileira e isso perdurou por quase toda a vida do escritor gaúcho (CHAVES 1972:71). Pepetela também foi chamado de “contador de histórias”, mas não de modo pejorativo. Maura Eustáquia de Oliveira (2003:363) dá o seguinte título à entrevista concedida pelo escritor angolano a ela: “Pepetela: humor e sonho na vida de um contador de histórias”. E Carmen Tindó assim se refere ao escritor angolano: “Pepetela é um contador da História e das histórias angolanas, havendo em seus textos uma constante visão crítica tanto acerca do contexto social de seu país, como da própria arte de narrar e escrever” (2002:177-178).

Do mesmo modo, podemos definir Erico Verissimo como um contador da História e das histórias gaúchas e brasileiras, excluindo dessa definição qualquer tom depreciativo com que muitos críticos tentaram reduzir o valor literário de suas obras. Dessa forma, tanto Pepetela quanto Erico foram escritores que utilizaram a História para retratar por meio da ficção, a formação política de suas regiões e a identidade cultural e nacional de seus povos.

Elza Elizabeth da Silva (2003:47), referindo-se ao *O tempo e o vento* (1949, 1951, 1962)², de Erico Verissimo, em uma observação que também pode ser extensiva a *Yaka* (1984), de Pepetela, afirma que o escritor gaúcho usou a História para, através dela, oportunizar as discussões políticas, sociais, econômicas, étnicas, culturais, que suas personagens travam umas com as outras sobre os acontecimentos que estão a ocorrer em Santa Fé, no Rio Grande do Sul e no Brasil. O mesmo podemos dizer do romance de Pepetela em relação às personagens e aos acontecimentos históricos de Benguela, Angola e Portugal. Nesse sentido, essas duas obras apresentam diversos pontos em comum. Dentre eles, podemos destacar que:

² Datas da publicação dos romances que formam a trilogia *O tempo e o vento*: *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962).

- a - são romances planejados por seus autores com um fim específico: em *O tempo e o vento*, a busca da identidade rio-grandense e a formação do estado do Rio Grande do Sul, e em *Yaka*, a formação da nação angolana e a construção da identidade nacional;
- b - visam à construção da identidade angolana e rio-grandense com base no contato de diferentes grupos sociais e raciais e por isso apostam na mestiçagem seja cultural ou biológica;
- c - as duas narrativas são permeadas por guerras e revoltas sangrentas pela posse territorial;
- d - os dois romances apresentam uma desconstrução de estereótipos criados pelo discurso oficial;
- e - ambos utilizam recursos simbólicos e alegóricos de forma muito significativa, a começar pelos próprios títulos dos romances, passando por nomes de capítulos e de alguns outros elementos significativos em comum: terra, árvore, punhal e casarões coloniais.

Esses elementos comuns que as duas obras possuem podem ser considerados como uma “afinidade literária” entre elas, pois, segundo A. Owen Aldridge (1994:257), a “afinidade literária consiste nas semelhanças de estilo, estrutura, tom ou idéia entre duas obras que não possuem qualquer outro vínculo”.

Afinidades literárias entre obras e autores brasileiros e angolanos são comuns, não só por causa de se utilizarem do mesmo idioma, mas também em razão do grande sistema de trocas comerciais e culturais promovidas pelo tráfico negreiro que forjou um forte laço de união entre Brasil e Angola, chegando quase haver uma união política entre eles após a independência do Brasil em 1822. Carlos Ervedosa, analisando a importância dos escritores do Modernismo brasileiro para os jovens escritores angolanos do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, assim se manifesta:

O exemplo destes escritores ajudou a caracterizar a nova poesia e ficção angolanas, mas é, certamente, num fenômeno de convergência cultural que poderemos encontrar as razões das afinidades das duas literaturas. A mesma amálgama humana, frente a frente

nas duas margens do Atlântico tropical, em presença de condições ecológicas quase idênticas, teria de conhecer reacções e comportamentos muito semelhantes. (ERVEDOSA, 1979:105-106)

Essas condições ecológicas referidas por Ervedosa, Benjamin Abdala Júnior (2003:105) denomina de “ecologia cultural” como resultado da imposição colonial portuguesa e do escravismo praticado durante séculos pelos portugueses.

Como já afirmamos anteriormente, a escrita de *O tempo e o vento* e *Yaka* foi planejada por seus autores com objetivos bem específicos como, por exemplo, construir uma identidade comum de seus povos através da criação literária, desconstruindo estereótipos criados pelo discurso oficial, preenchendo lacunas históricas, e construindo pontes que levam a criação de uma “comunidade imaginada”, no exato sentido que Benedict Anderson (1989) dá ao termo. Para Erico Verissimo, a escrita de *O tempo e o vento* foi uma necessidade pessoal de descobrir a sua identidade de homem gaúcho, encontrar a sua função social através da literatura, destruir o estereótipo do homem rio-grandense, revelando os diversos tipos e grupos sociais que habitavam o Rio Grande do Sul e trazendo à luz as várias facetas do povo gaúcho, bem como desmistificar a história do seu estado. Vejamos trechos de depoimentos do próprio escritor contidos em seu livro de memórias *Solo de Clarineta – volume I* (1995) sobre o projeto de escrever essa obra:

Quando teria me ocorrido pela primeira vez a idéia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul? /.../ Não sei ao certo. /.../

Procurando analisar com imparcialidade os meus romances anteriores, eu percebia o quão pouco, na sua essência e na existência, eles tinham a ver com o Rio Grande do Sul. Tendiam para um cosmopolitismo sofisticado, que me levava a descrever a provincianíssima Porto Alegre de 1934 como uma metrópole tentacular e turbulenta que recendia a gasolina queimada e asfalto. /.../

Antes de começar o “ambicioso projeto”, eu precisava vencer muitas resistências interiores, a maioria delas originadas nos meus tempos de escola primária e ginásio. Para o menino e para o adolescente – ambos de certo modo sempre presentes no inconsciente do adulto -, o poético, o pitoresco e o novelesco eram atributos que raramente ou nunca se encontravam em pessoas, paisagens e coisas do âmbito nacional e muito menos do regional e ainda

menos do municipal. Nossos livros escolares – feios, mal impressos em papel amarelo e áspero – nunca nos fizeram amar ou admirar o Rio Grande e sua gente. Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal, eles nos apresentavam a História do nosso Estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas). Nossos pró-homens pouco mais eram que nomes inexpressivos, debaixo de clichês apagados, em geral de retícula grossa: sisudos gerais, quase sempre de longas costeletas, metidos em uniformes cheios de alamares e condecorações; estadistas de cara severa especados em colarinhos altos e engomados. /.../ Conclui então que a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e bela que a sua mitologia. E quando mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmitificá-la. /.../

Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro” os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra, que eu tinha de lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente. Talvez o drama de nosso povo estivesse exatamente nessa ilusória aparência de falta de drama. /.../

O Rio Grande estava cheio dos mais variados tipos humanos. Havia o valentão, o coronel, o peão, o gaudério, o bandido, o poltrão, o paladino, o gaiato, o parlapatão, o capanga, o sisudo, o potoqueiro, o gaúcho de cidade com flor no peito... tantos!

E assim, depois que compreendi tudo isso, as personagens para o projetado e sonhado romance me foram saindo da memória, como coelhos duma cartola de mágico. /.../

Idiota! Como era que eu não tinha visto antes toda essa riqueza? E que dizer de Nico Velho, Aníbal Lopes, Nestor Veríssimo e cem outros varões? Era o meu povo. Era o meu sangue. Eram as minhas vivências, diretas ou indiretas, que, por tanto tempo eu renegara. (VERÍSSIMO, 1995: 288-295)

Erico era um cidadão, mesmo vivendo numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul (Cruz Alta) antes de se mudar para Porto Alegre. Tinha aversão ao campo, não sabia andar a cavalo e, de certa forma, sentia-se desligado do seu ambiente social, sempre mergulhado em leituras e meditações. Todos os seus romances anteriores *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938) e *O resto é*

silêncio (1942), passavam-se em cenários urbanos. O próprio escritor sentia-se um desenraizado por que, mesmo que sua literatura já tivesse uma preocupação social desde *Caminhos cruzados*, ela não conseguia penetrar e revelar a essência dos grupos sociais rio-grandenses. Portanto, a obra planejada seria um reencontro consigo mesmo, com sua terra, com suas raízes e poria termo às muitas angústias do escritor. No plano literário o escritor já deixa transparecer essa preocupação nas páginas finais de *O resto é silêncio*, através dos pensamentos do escritor Tônio Santiago, que pode ser considerado o embrião de *O tempo e o vento*:

No princípio eram as coxilhas e planícies desoladas, por onde os índios vagueavam nas suas guerras e lidas. Depois tinham vindo os primeiros missionários; mais tarde, os bandeirantes e muitos anos depois os açorianos. Sob o claro céu processara-se a mistura de raças. Travaram-se lutas. Fundaram-se estâncias e aldeamentos. Ergueram-se igrejas. Surgiram os primeiros mártires, os primeiros heróis, os primeiros santos...

Passeando o olhar pelo teatro, Tônio pensava na distância que ia do primitivo "Presídio do Rio Grande" àquele exato momento em que remotos descendentes de índios, portugueses, paulistas e espanhóis escutavam o *allegro* da Quinta Sinfonia. (VERISSIMO, 1995:485-486)

Antonio Candido (2001), ao refletir sobre a evolução literária de Erico e também sobre o elo de ligação do final de *O resto é silêncio* com *O continente*, primeiro romance da trilogia, tece o seguinte comentário:

Voltando um pouco atrás, creio que é pertinente estabelecer o nexo de *O tempo e o vento* e *O resto é silêncio*. Isso faz pensar que o melhor de Erico se manifesta ao longo de uma linha de coerência pontilhada pelas mesmas preocupações, entre as quais a violência e o horror que ela lhe causa: de *Música ao longe* sai *Caminhos cruzados*, do qual sai *O resto é silêncio*, do qual sai o *Continente* (com prolongamentos em *Incidente em Antares*). De tudo resulta uma recriação da vida rio-grandense no plano da literatura. (CANDIDO, 2001:16)

Quanto a Pepetela, ao contrário de Erico, ele não tinha problemas de consciência em relação ao seu povo. Ele estava perfeitamente em consonância com os pressupostos do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola que iniciou, a par-

tir de 1948, o processo de ruptura no plano cultural com os padrões estéticos europeus. Aqui é pertinente lembrarmos as palavras do poeta Viriato da Cruz sobre o movimento que mudou o fazer literário angolano:

O movimento deveria retomar, mas sobretudo com outros métodos, o espírito combativo dos escritores dos fins do século XIX e dos princípios do actual. Esse movimento combatia o respeito exagerado pelos valores culturais do Ocidente (muitos dos quais caducos); incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através de um trabalho colectivo organizado; exortava a produzir-se para o povo, solicitava-se o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas e válidas, exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no censo estético, na inteligência e na vontade africanas. (apud. ANDRADE, 1975:6)

Desse modo, o projeto literário de Pepetela já estava, desde o início, alinhado com os objetivos da literatura produzida pelos poetas da geração de 50 e com a prosa produzida por Castro Soromenho (da segunda fase), e José Luandino Vieira e Arnaldo Santos a partir dos anos 60. Prova disso são os livros anteriores a *Yaka*, escritos no período da luta pela independência de Angola e publicados somente depois dela: *Muana Puó* (1969), *Mayombe* (1971), *As aventuras de Ngunga* (1972), *A revolta da casa dos ídolos* (1978), *A corda* (1978) e *O cão e os caluandas* (1979). Todas essas obras já estavam impregnadas de angolanidade e continham um tema comum, “a formação da nação angolana”, que segundo o próprio autor (LABAN, s.d.:771) perpassa toda a sua obra desde *Muana Puó*, fazendo uma espécie de denominador comum.

No entanto, a partir do final da década de 70, Pepetela começou a sentir a necessidade de se fazer, através da ficção, uma análise da sociedade colonial que, segundo ele, poderia explicar muita coisa da atual e da futura sociedade angolana. Esse lançar de luzes sobre o período colonial em Angola também serviria, no dizer de Pepetela, para que as novas gerações, que não viveram a situação colonial, soubessem como foi o colonialismo e o que era a mentalidade do colono. São palavras do próprio autor sobre a necessidade de se escrever um romance histórico nos moldes de *Yaka*:

A preocupação principal era a seguinte, e que portanto tem importância talvez para o futuro, é que me parece, exceto Castro Soromenho, não há ainda na ficção uma análise da sociedade colonial. Ora, há muita coisa de Angola de hoje e de Angola de amanhã que encontram explicação nessa sociedade. Porque apesar da luta de libertação, apesar da independência, etc., muita coisa ficou fundamentalmente em termos do que se pode chamar muito genericamente de cultura, incluindo comportamentos sociais, preconceitos, etc. Há uma série de reações que tiveram que são explicadas pela história colonial. Há trajetórias individuais de pessoas que só podem ser explicadas pela educação que receberam em determinado meio. Depois houve a ruptura. A independência é uma ruptura, um trauma de que se recuperam numa nova sociedade, mas com muita coisa que vem de trás. (apud. SERRANO, site UEA)

Ao encontro da preocupação de Pepetela em relação às influências do colonialismo sobre a atual sociedade angolana, vem a observação feita por Rita Chaves sobre os efeitos que a situação colonial provocou no continente africano:

... podemos afirmar que de tal forma os esquemas coloniais penetraram na composição sociocultural do continente que se torna difícil elaborar qualquer análise sobre qualquer que seja o objeto, sem passar pela indagação da natureza e dos efeitos do colonialismo naquelas sociedades. (CHAVES, 2005:288)

Dessa forma, guiado pela preocupação de preencher lacunas históricas (e lacunas na própria ficção angolana), questionar os aspectos sociais, culturais e políticos angolanos, tematizar a formação da nação e da identidade angolana e analisar, através da literatura, a sociedade colonial, Pepetela planejou escrever *Yaka*. A esse respeito, em entrevista a Michel Laban, o escritor comenta as dificuldades que teria para levar a cabo o projeto de escrever uma saga da nação angolana:

O primeiro livro que foi pensado antes de ser escrito. /.../ foi sistematizado antes. Todos os outros são idéias que se desenvolvem à medida em que vou escrevendo. O *Yaka* não, foi sistematizado antes. Talvez por isso tenha sido o livro mais difícil de escrever e que me tenha dado menos gozo – já não havia muitas surpresas... Esse problema pôs-se logo de princípio, quando eu pensei no livro, que tinha que ser um tempo largo, mas que pensava que seria aborrecido, que haveria muitos pontos mortos se pegasse uma linha de continuidade... Portanto, resolvi situá-los em cinco momentos, excepto a primeira parte que é numa linha mais contínua –

a parte da infância, em que tinha que haver uma certa continuidade – mas, a partir daí, situar em momentos precisos, que eram momentos significativos da própria história da região... Portanto, situar revoltas, fundamentalmente. (LABAN, op. cit.: 800)

Para exemplificarmos melhor o projeto literário de Pepetela, preocupado com a formação da nação e para isso lançando mão tanto da contribuição da cultura europeia quanto das culturas africanas, recorremos a um trecho de uma entrevista concedida pelo autor em 2001, um ano antes da morte de Jonas Savimbi e da assinatura do acordo de paz em Angola, citado por Maura Eustáquia de Oliveira:

Criar, através, da literatura, insere-se no mito unificador de Angola, no ideal de reunir etnias e ideologias em torno da construção/reconstrução do país, de tal modo que se forme e se configure, de modo indelével, a identidade nacional dessa terra tão rica e formosa que hoje, pena sob o peso de uma das mais dolorosas guerras civis da história moderna. (OLIVEIRA, 2003:363)

Yaka, a estátua africana que dá título a obra, exerce esse papel de “mito unificador”, explicitando no texto a voz da consciência coletiva africana, e, principalmente, segundo o próprio Pepetela (LABAN, op. cit.:802), representa um ponto comum em direção à unidade nacional angolana. Para construir essa imagem de uma alegoria da unidade, Pepetela buscou fontes pré-coloniais, utilizando como ponto de partida (explicitada em nota prévia na obra) a história dos jagas (ou yakas), um povo que teria percorrido todo o território angolano, estabelecendo chefias por toda parte e, dessa forma, representaria um bom exemplo da unidade e identidade angolana, recriada através da ficção. Vejamos um pequeno trecho da nota prévia do romance:

E o círculo yaka ficou fechado nesses séculos antigos.

E os criadores com jovens de outras populações que iam integrando na sua caminhada, parecem apenas uma idéia errante, cazumbi antecipado da nacionalidade.

Mas não é deles que trata este livro, só duma estátua.

E a estátua é pura ficção. Sendo a estatuária yaka riquíssima, ela poderia ter existido. Mas não. Por acaso. Daí a necessidade de a criar, como mito recriado. Até porque só os mitos têm realidade. E como nos mitos, os mitos criam a si próprios falando. (PEPETELA, 1984:6)

Dessa forma, tanto Pepetela quanto Erico utilizaram-se do romance histórico para atingir seus objetivos. Erico tinha em meta a construção de uma obra que retratasse a saga do povo rio-grandense e por isso teria que ir ao passado buscar suas raízes, não fazendo vista grossa a nenhuma contribuição étnica ou cultural na formação do Rio Grande do Sul, buscando construir a identidade do gaúcho com base na diferença entre seus diversos grupos sociais. Assim o escritor procura mostrar em seu romance as diversas contribuições étnicas que forjaram a identidade do gaúcho, aproximando seu ponto de vista ao de Carlos Reverbel (1996:84) para quem esta teve origem na mestiçagem entre portugueses, índios, espanhóis e negros, recebendo a partir do século XIX a contribuição de alemães e italianos, que no século seguinte teriam papel decisivo nas transformações sociais ocorridas no Rio Grande do Sul e que a segunda (*O retrato*) e a terceira (*O arquipélago*) parte da trilogia vão retratar. Já Pepetela reescreve a história angolana, o desenvolvimento da colônia que quer tornar-se uma nação independente, formada por cidadãos brancos, negros e mestiços, que se querem angolanos acima de tudo. Por isso as revoltas e as batalhas estão grafadas nas páginas de *Yaka*, assim como o desejo de forjar uma identidade angolana com os diversos materiais humanos presentes em Angola, aceitando, conforme observação feita por Lourenço do Rosário (2002:257), “a contribuição dos vários povos e culturas para a formação do homem angolano” e a complexidade do processo de formação da identidade angolana e dos elementos étnicos envolvidos nele. Para Vima Rossi Martin (2002: 297), nas páginas finais do romance fica clara a idéia de que “a história de Angola deve ser construída por todos aqueles que compartilham dos mesmos ideais, não importando raça ou nacionalidade, o texto aposta numa realidade em que as diferenças não serão entraves para aquisição da soberania nacional”

Nesse sentido, levando-se em consideração o planejamento das obras feito pelos dois escritores, eles foram guiados por aquilo que Antonio Candido (2000:21) denomina de “os quatro momentos da produção: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões

da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” Lembramos que essa necessidade interior em produzir essas obras por Pepetela e Erico foi, na verdade, gerada por algo exterior a eles, ou seja, a necessidade de, através da ficção, recriar a história de seu estado (Erico) e da sua nação (Pepetela), lançando luz sobre os diversos grupos sociais que formam o estado do Rio Grande do Sul e a República de Angola. Aqui é pertinente lembrar a observação feita por Lucien Goldmann sobre a importância e o papel do autor individual e dos grupos sociais na perspectiva sociológica do estudo da literatura:

Os verdadeiros objetos da criação cultural são, efetivamente, os grupos sociais, e não os individuais; mas o criador individual faz parte do grupo muitas vezes por sua origem ou posição social, sempre pela significação objetiva de sua obra, e nele ocupa um lugar que, sem dúvida, não sendo decisivo é, não obstante, privilegiado. (GOLDMANN, 1990:4)

Aproximando a perspectiva de Goldmann com a construção literária de *O tempo e o vento* e *Yaka*, percebemos que desde o princípio da criação literária dos dois romances o foco era uma coletividade formada por um mosaico de diferentes grupos sociais que juntos formariam uma “comunidade imaginada”, no exato sentido que Benedict Anderson (1989) dá ao termo como uma sociedade que vive simbolicamente em comunhão ou então o “mito unificador” que Pepetela define como “o ideal de reunir etnias e ideologias em torno da construção do país, de tal modo que se forme e se configure, de modo indelével, a identidade nacional...” (PEPETELA, 2003:363). É importante observar que a identidade, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), é uma construção simbólica, produzida a partir do mundo cultural e social, e está estreitamente associada a sistemas de representação que se expressam, entre outros meios, através da literatura. Nas palavras do autor: “somos nós que a fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade é uma criação social e cultural”.

Dessa forma, Pepetela e Erico recorreram a História para compor a saga de seus povos, buscando no passado uma realidade que influenciou o presente. E aqui lembramos uma observação feita por Edward Said (1995:49) de que “mais

importante do que o próprio passado, portanto, é sua influência sobre o presente”, que vai ao encontro do pensamento dos dois autores, conforme podemos perceber nos trechos de duas entrevistas em que ambos falam sobre a importância da História:

Um país que tem estado entre guerras cruéis constantes e não se fracionou (nem parece ter tendência para isso) é porque tem algum cimento muito forte a ligá-lo. A questão é: de onde veio esse cimento?

Há evidentemente outros fatores, até de ordem política, mas sem dúvida que a História tem peso nesse processo. E neste caso pode dizer-se que é ideológico considerar o passado como fonte de conhecimento do presente. (PEPETELA apud MATA, 2002:223)

Ninguém pode fugir à História... e lá se foi o primeiro lugar comum. /.../ Sempre a considere importante. Não só ela, mas também esse cavalheiro, mais misterioso ainda, sem o qual ela não poderia existir: o Tempo. Como é possível desenvolver, fazer viver um personagem, um grupo social, fora do Tempo e da História? (VERISSIMO apud BORDINI, 1997:140)

Erico Veríssimo, em *O tempo e o vento*, aborda um período de 200 anos da história do Rio Grande do Sul, de 1745, período da tomada dos Sete Povos das Missões pelos portugueses, até 1945, quando ocorre a queda do governo Vargas, tendo como fio condutor da narrativa a história fictícia da família Terra/Cambará, fixada na também fictícia cidade de Santa Fé, que de forma metonímica vai se estender a todo o estado gaúcho. Para abranger esse longo período, o escritor utilizou não apenas um romance, mas sim uma trilogia, formada pelos romances *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*. Já Pepetela, em *Yaka*, aborda um período menor que Erico, porém esse tempo abordado é muito significativo e talvez seja o mais importante da história angolana. O romance começa em 1890, com o capítulo “A boca”, abordando o nascimento de Alexandre Semedo, patriarca de uma família fictícia de colonos portugueses estabelecidos na cidade de Benguela (família que é o fio condutor da narrativa), região sul de Angola, e segue cronologicamente até o período da independência angolana, centrando-se em momentos importantes da história angolana, através dos capítulos “Os olhos” (1917), “O coração” (1940/1941), “O sexo” (1961) e “As pernas” (1975).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho não foi somente identificar pontos em comum entre *O tempo e o vento* e *Yaka*, abordando, principalmente, o processo de criação das duas obras e as motivações que levaram Erico Veríssimo e Pepetela a escrevê-las, mas também indicar uma ponte ainda não percebida no vasto campo de possibilidades comparativas que as literaturas de língua portuguesa oferecem. Mesmo com um significativo aumento dos estudos nessa área nas universidades brasileiras, nas quais há inúmeros trabalhos concluídos e em andamento envolvendo Pepetela e outros escritores brasileiros, são raras as pesquisas envolvendo Erico com um autor africano, mesmo pertencendo ao grupo de escritores brasileiros cujas obras tiveram grande circulação em Angola e Moçambique, conforme podemos constatar através do comentário de Rita Chaves (2005, p.258): “Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Erico Verissimo, e poetas como Manuel Bandeira e Ribeiro Couto tornaram-se nomes de grande densidade no repertório de leituras nas duas costas africanas”.

Dessa forma, nossa intenção foi lançar luz sobre a afinidade literária existente ente os dois autores que ainda está por ser explorada.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANTUNES, Gabriela. Reler Pepetela. In CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs.). *Portanto... Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p. 55-62.

BORDINI, Maria da Glória (org.) *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, EDIPUCRS, 1997.

_____. *Criação literária em Erico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Veríssimo: o escritor e o seu tempo*. Porto Alegre: Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

_____. *Erico Veríssimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios ocupados*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs.). *Portanto... Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002

COUTINHO, Eduardo; Tânia CARVALHAL. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. 3 ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LABAN, Michel. *Angola encontro com escritores*. Porto: Fundação Antonio Almeida, s. d.

LEÃO, Ângela Vaz.(org.) *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, 2003.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. Yaka: a construção do discurso utópico. In CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs.). *Portanto... Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p. 293-298.

OLIVEIRA, Maura Eustáquia. Pepetela: humor e sonho na vida de um contador de histórias. In LEÃO, Ângela Vaz. *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, p.363-372.

PEPETELA. *Yaka*. São Paulo: Ática, 1984.

PESAVENTO, Sandra et. al. *Erico Verissimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

REVERBEL, Carlos. *O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. 2 ed. Porto alegre: L&PM, 1996.

ROSÁRIO, Lourenço. Pepetela: o Homero angolano. In CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (orgs.). *Portanto... Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p. 255-258.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTILLI, Maria Aparecida. Factos de vida, feitos de ficção (*Yaka*, de Pepetela: História, mito e símbolo). In CHAVES, Rita; MACÉDO, Tania (orgs.). *Portanto... Pepetela*. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p. 125-137.

SERRANO, Carlos. *O romance como documento social: o caso Mayombe*. UEA, 2002. Disponível em www.uea-angola.org.

SILVA, Elza Elisabeth Maran Queiroz da. *Pensando as fronteiras e as identidades na obra de Erico Verissimo: O continente (1949)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *O continente*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *O retrato*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *Solo de clarineta: memórias I*. 20 ed. São Paulo: Globo, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *Erico Verissimo: memória, história e tempo recuperado*. Revista USP, n. 68, dez/jan./fev. 2005-2006.

_____. *O continente: do mito ao romance*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária*. Porto Alegre: Globo, 1972.